

## Decifre a Economia

GILSON SCHWARTZ  
SÃO PAULO, SARAIVA, 1991

O livro *Decifre a Economia*, de Gilson Schwartz, constitui um modo divertido de compreender o que está por trás dos debates e das diferentes visões de economia. O autor, com muito sucesso, consegue apresentar, de forma clara e simples, idéias econômicas de certa complexidade, introduzindo ao leigo noções sobre a lei de rendimentos decrescentes, as escolas de pensamento econômico e os limites e conseqüências da intervenção e regulação estatal.

O livro é indicado a todos aqueles que queiram compreender a evolução e as características do sistema econômico, bem como as diferentes versões ou visões de relações entre variáveis do modelo econômico.

Algumas ressalvas devem se fazer, entretanto, com relação à visão do autor a respeito da ciência econômica. Com grande sucesso, é demonstrado que o objeto de estudo da ciência econômica (as relações econômicas de produção) é mutável com o correr da história e com a modificação nas relações políticas, sociais e institucionais. Apesar de corretamente fundamentado, o autor leva o leitor a pensar a economia em termos pouco científicos. Invalida assim o esforço meritório dos muitos que se debruçam sobre os fatos na tentativa de acondicioná-los em "leis de comportamento". A impressão que se tem, em alguns momentos da leitura, é de que devemos abandonar os economistas e suas teorias, mais valendo estudar a história e as relações políticas da sociedade. Vale dizer, ou melhor, reproduzir uma frase do professor Mário Henrique Simonsen: "O que se ganha em realismo perde-se em precisão".

Diz o autor: "Em vez de buscar modelos e leis muito abstratas, a economia pode vir a ser útil para perceber essas falhas de construção da sociedade. Pode ser então valorizada como uma disciplina do pensamento que trata de tornar mais visíveis e discutíveis pública e democraticamente as estruturas e relações que animam a luta humana pela sobrevivência." (p. 75). Queremos ressaltar que o processo de conhecimento e a evolução da ciência, em qualquer área do saber, se dá através de crises. Podemos encontrar exemplos na física, na química e na medicina. A ciência econômica é uma ciência em crise. O resultado disso deve ser um esforço ainda maior em aperfeiçoá-la, em buscar respostas, jamais reduzindo-a a outras áreas do conhecimento científico como a história e as ciências sociais, pois seu objeto de estudo, apesar de mutável, é nitidamente delineado. Existe um importante movimento entre a abstração teórica e a aplicação desta que parece ignorado pelo autor. É impraticável sua idéia de que a economia seja capaz de elucidar estruturas e relações sem que se proceda, *a priori*, a uma abstração dessas relações.

Apesar dessas ressalvas, o livro se destaca pela forma clara e interessante pela qual o autor expõe suas idéias.

Inicialmente, apresenta-se ao leitor o conceito de economia. Define o autor: "As teorias econômicas estudam a lógica das relações econômicas, das relações que surgem entre pessoas e grupos na luta pela sobrevivência. Ao mesmo tempo, é importante perceber que o estudo dessas relações, dessas lutas, é

sempre também um esforço que constata os limites da lógica da economia” (p. 27).

Pensar a economia é, entretanto, algo permeado de interesses que devem ser considerados e são determinados por relações estabelecidas fora da esfera econômica. Descobrir essas relações é o desafio a que se propõe o autor. Assim o livro se organiza tratando de buscá-las por trás do sistema de preços, da oferta de moeda, das relações econômicas mundiais e da evolução e sentido das idéias e métodos econômicos.

Concluindo, o autor afirma: “Nosso exercício ao longo deste livro foi identificar as transformações das relações que imaginamos estáveis porque desejamos escapar ao tempo, evitar a incerteza que se alastra num mundo ‘financeirizado’. Destruímos cada conceito para encontrar-lhe algum relógio oculto” (p.170).

Acredito que “a consciência do irracional, do

inconsciente, da ignorância, do incompleto” (p. 180) nos leva a uma nova consciência da realidade. Conhecer o desconhecido é o nosso desafio. Deter-se antes de integrá-lo ao conhecimento não parece ser a melhor opção. Muitas foram e são as pedras indecifráveis no percurso daqueles que procuram respostas. O conhecimento, infelizmente, parece não ser um processo evolutivo, cumulativo. Desacreditar a economia enquanto ciência preditiva para casos e hipóteses especificados parece um retorno ao obscurantismo, ao místico. Para usar um paralelo, é como se, ao reconhecer os limites do conhecimento da química, ou retornássemos à alquimia ou simplesmente admitíssemos a ignorância e o incompleto.

Ao leitor, resta a interessante tarefa de desvendar o “relógio oculto” por trás das páginas deste livro tão intrigante.

Cristina Helena Pinto de Mello  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Fundação Getúlio Vargas, São Paulo

## *Tudo sobre a Comunidade Européia*

VERA THORSTENSEN  
SÃO PAULO, BRASILIENSE, 1992

Entre os vários temas discutidos pela mídia nos anos 80 e início dos anos 90, nenhum rivaliza em popularidade com o *slogan* mágico Europa 92. O que antes era uma proposta restrita ao debate político e acadêmico de repente tornou-se um tema bastante popular, tendo sido capa dos mais variados tipos de revistas.

No Brasil, o *slogan* tornou-se bastante popular após ter sido capa da *Veja*. A esta seguiu uma série de artigos em outras revistas de informação e em algumas revistas acadêmicas. Apesar disso, o leitor interessado em avançar no estudo da Comunidade Econômica Européia tinha de se contentar com os textos de divulgação editados pela própria Comunidade, o que aliás tornou bastante popular o estande que ela tem montado na Bienal do Livro.

Ainda que interessante e apresentando uma série de informações úteis, principalmente dados setoriais, estes cadernos de divulgação pecam por um certo ufanismo e — por que não dizer? — pela falta de isenção, que naturalmente não os torna descartáveis,

porém reduz bastante a qualidade das análises neles apresentadas.

Diante disso, o único caminho para um estudo da problemática européia era o da livreria de livros importados ou a consulta, em boas bibliotecas, de revistas acadêmicas e de algumas de negócios. O problema é que um livro importado não é barato, além de que nem todos os interessados pelo tema dominam o inglês e muito menos o francês e o italiano. Logo, apenas um grupo muito restrito tinha acesso as análises e a textos de qualidade.

O livro da professora Vera Thorstensen vem em boa hora suprir essa deficiência. Em linguagem clara e apaixonada, porém com isenção, apresentam-se os pontos principais da história da Comunidade Econômica Européia. De fato, a linguagem adotada pela autora torna o livro acessível não somente aos estudiosos do tema, mas também aos curiosos, isto é, aqueles leitores que, sem ser especialistas, estão sempre interessados nos temas “quentes”.

O livro está dividido em dezesseis capítulos,

que os leitores podem apreciar com calma e não necessariamente na ordem apresentada pela autora. Os três primeiros capítulos são dedicados à história e às estruturas institucionais da Comunidade. Esses capítulos são fundamentais, pois permitem ao leitor entender o aparentemente simples, porém complicado, processo de tomada de decisões na CEE. O quarto capítulo desvenda o enigma de 1992. Os demais se dedicam às políticas setoriais.

No quinto, o leitor conhece um pouco das peculiaridades da política agrícola, que é bastante controversa, pois a ela se direciona cerca de mais da metade do orçamento da CEE, além de, por ser bastante protecionista, ter sido uma das responsáveis pela crise do GATT. O capítulo 6, bastante curto, se ocupa da política regional. O capítulo 7, um pouco mais longo que o anterior, discute a política de concorrência, que é uma dos pilares da política industrial discutida no oitavo capítulo.

O nono, também bastante curto, apresenta a estratégia da Comunidade frente ao “primo americano” e ao distante e ameaçador Japão, isto é, o capítulo é dedicado à política de pesquisa e desenvolvimento. O capítulo décimo aborda a infraestrutura — leia-se transporte, energia e telecomunicações. O capítulo décimo primeiro é o que provavelmente vai

despertar maior interesse junto ao público, principalmente entre aqueles que sonham em morar no velho continente. Nele se discute o outro lado da moeda, ou seja, o mercado de trabalho e a política social. O capítulo que se segue se ocupa de um dos temas mais populares deste *fin de siècle*, isto é, a política do meio ambiente.

Já o capítulo décimo terceiro, apesar de longo, merecia ainda algumas páginas a mais, pois a política monetária é um dos tópicos mais importantes e difíceis da Comunidade. O penúltimo capítulo é dedicado à política comercial comum. Em poucas páginas, a autora conduz o leitor pelos meandros da complexa política comercial comunitária. Finalmente, no último capítulo, voltado para a união política, Vera Thorstensen apaixonadamente seduz o leitor ainda reticente para a proposta de unificação da Europa.

Em poucas páginas, apenas 285, Vera Thorstensen leva o leitor por um agradável viagem pelos meandros da Comunidade. A sólida argumentação, somada à sedução do estilo, convence o leitor de que a unificação é um tema que não diz respeito apenas à economia, mas sim representa uma alternativa à turbulenta e nem sempre agradável história econômica e política da Europa nos últimos dois séculos.

Antônio Carlos Alves dos Santos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Fundação Getúlio Vargas, São Paulo